COMUNIDADES TRADICIONAIS, MEIO AMBIENTE E TRABALHO: ANÁLISE DA PESCA COM MATAPI POR RIBEIRINHOS AMAZÔNIDAS

Rosenildo da Costa Pereira[1]

Resumo: O artigo discute o procedimento da pesca artesanal no contexto de comunidades rurais ribeirinhas do município de Abaetetuba, estado do Pará, mais especificamente o território do assentamento São João Batista, na Ilha Campompema. Buscou-se fazer uma etnografia da atividade de pesca com o uso do instrumento matapi a partir do olhar e da experiência empírica dos moradores ribeirinhos locais. O estudo foi conduzido por meio de entrevistas a partir de conversas informais, observação no território e análise bibliográfica. Como resultado a pesquisa aponta as diversas formas de uso do matapi, seja no contexto de água grande (lançante), seja no período de água baixa (morta), assim como todo o processo que envolve a pesca com utilização desse instrumento pesqueiro.

Palavras-chave: ribeirinho, meio ambiente, pesca, matapi.

TRADITIONAL COMMUNITIES, ENVIRONMENT AND WORK: ANALYSIS OF FISHING WITH MATAPI BY AMAZON RIBEIRINHOS

Abstract: The article discusses the procedure of artisanal fishing in the context of rural communities bordering the municipality of Abaetetuba, State of Pará, more specifically the territory of the San Juan Batista settlement in Campompema Island. It was sought to make an ethnography of the fishing activity with the use of the matapi instrument from the look and the empirical experience of the local riparian residents. The study was conducted through the use of interviews from informal conversations, observation in the territory and bibliographic analysis. As a result the research points out the different forms of matapi use, either in the context of large water (launching), or in the period of low (dead) water, as well as any process that involves fishing using this fishing instrument.

Keywords: riparian, environment, fishing, matapi.

INTRODUÇÃO

Quando intentou-se pesquisar os modos de vida de populações tradicionais na Amazônia do Baixo Tocantins, onde está situado o município de Abaetetuba, e as comunidades ribeirinhas e quilombolas desse território de águas, o objetivo era registrar os saberes locais a partir das vivências dos sujeitos. De tantos saberes existentes no espaço pesquisado, ancorou-se no mapeamento da pesca artesanal praticada com o uso do apetrecho matapi.

O *lócus* em que a pesquisa foi realizada gira em torno do Assentamento São João Batista, Ilha Campompema, e os sujeitos estudados são os pescadores ribeirinhos que realizam essa rica

[1] Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará (Uepa). Especialista em Educação do Campo pela UFPA. Graduado em Pedagogia pela UFPA.

atividade pesqueira, entre tantas outras possíveis de serem encontradas no espaço local. O matapi, como instrumento de pesca, é usado para captura do crustáceo camarão (*Macrobrachium amazonicum),* um dos alimentos mais consumidos e pescados pelos ilhéus da comunidade, tornando-se, neste sentido, um meio de subsistência e renda.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As pesquisas realizadas com comunidades tradicionais têm sido de bastante utilidade para os registros e a catalogação dos saberes oriundos das diferentes práticas culturais dos sujeitos que habitam o espaço amazônico ribeirinho brasileiro.

Os escritos voltados para os estudos de conhecimentos tradicionais em contextos territoriais amazônicos têm contribuído significativamente para o mapeamento de diferentes modos de uso dos recursos naturais por comunidades tradicionais locais.

No que se refere a esta pesquisa, o propósito é também contribuir para o mapeamento dessa diversidade de culturas e modos de trabalho existentes no mundo amazônico. Planejou-se registrar o conhecimento da pesca com o uso do mapati no assentamento São João Batista, Ilha Campompema, a partir do olhar e das experiências do ribeirinho que desenvolve essa riquíssima atividade que envolve uso de saberes cotidianamente do trabalho no território.

Como se trata de um texto de abordagem etnográfica que teve o propósito de registrar detalhadamente os saberes que envolvem a pesca com a armadilha matapi por ribeirinhos de Abaetetuba, Pará, buscou-se fielmente registrar os modos de vida desenvolvidos por esses sujeitos nas águas do espaço local. Ao passo que "a etnologia - ou a antropologia, como se prefere dizer presentemente - assume o homem como objeto de estudo, mas difere das outras ciências humanas por aspirar a compreender o seu objeto nas suas manifestações mais diversas" (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 51).

Na abordagem da pesquisa antropológica, sobretudo da etnografia, explica Malinowski (1978) que o pesquisador precisa está imerso no cotidiano do sujeito pesquisado, a fim de extrair informações consideradas relevantes daquele ambiente social, uma vez que "a etnografia propriamente dita só começa a existir a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa" (LAPLANTINE, 2003, p. 57).

A observação direta no cotidiano do Assentamento São João Batista instigou o autor desta pesquisa a entender melhor como se dá o processo da pesca com matapi por ribeirinhos locais, considerando essa forma de trabalho como um processo cultural que nos ajuda a:

> compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meio de símbolos. As pessoas, as relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados (SAHLINS, 1997, p. 41).

Neste sentido, a cultura como processo cultural precisa ser registrada com o objetivo de, como diz Sahlins (1997), não perder de vista as relações de existência humana e como essas relações se manifestam no cotidiano. Para isso, temos a etnografia como suporte metodológico que ajudará os pesquisadores a fazerem a descrição minuciosa dessas práticas culturais das sociedades humanas, sobretudo de povos de culturas estigmatizadas pelo capitalismo como atrasadas. Desta forma, percebe-se que:

> a etnografia profissional, desde sua origem - quer se a localize nas entrevistas de Levis Henry Morgan com os iroqueses ou veraneios de Boas e seus alunos em reservas indígenas -, tem sido uma "arqueologia do vivente" (na fórmula de Levi-Strauss), um esforço de salvamento, obcecado não somente pelo declínio da cultura indígena, mas pela perda até mesmo de suas memórias (SAHLINS, 1997, p. 50).

Na assertiva acima, constata-se que a etnografia tem o papel de auxiliar o pesquisador na busca da descrição das formas de vida no mundo. "Arqueologia do vivente", nos termos do autor, remete-nos a concepção de que o estudioso precisa viver o *lócus* da pesquisa para a partir daí fazer suas observações e abstrações no sentido de tudo registrar, sem perder de vista a essência das práticas culturais, como elas acontecem na prática. Como muito bem caracteriza Laplantine (2003, p. 60), "a sua preocupação de precisão na descrição dos fatos observados acrescentava-se a de conservação".

A etnografia como suporte metodológico surge no contexto desta pesquisa para descrever,

> os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar encontrar o significado da ação (...) envolvem longos períodos de observação, um a dois anos, preferencialmente. Este período se faz necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos participantes, de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada (MATTOS, 2011, p. 51).

Para acompanhar a descrição dos relatos orais dos sujeitos da pesquisa usou-se a pesquisa bibliográfica, dialogando e fundamentando a temática de estudo. Os relatos orais por si só já fundamentariam o trabalho, uma vez que as falas dos entrevistados têm fundamentação e propriedade para afirmar algo sobre a sua prática de anos de experiência com a atividade no território, mais especificamente, neste caso, a pesca artesanal com o uso do matapi. Neste estudo preferimos dialogar com as falas dos ribeirinhos com os aportes teóricos encontrados sobre a temática da pesquisa. Os nomes dos entrevistados aparecerão com o uso das letras iniciais.

A PESCA EM CONTEXTO RURAL - RIBEIRINHO AMAZÔNICO

> Os recursos pesqueiros na vida do homem amazônico remontam ao período anterior à colonização (século XVI) quando os índios exerciam a prática da pesca de subsistência vista como uma das atividades complementares à vida das populações ribeirinhas (MORAES; REIS, 2011, p. 103).

A pesca tem sido uma atividade secularmente praticada no espaço rural ribeirinho amazônico. Trata-se de uma atividade executada pelos povos e comunidades tradicionais que habitaram/habitam o contexto territorial ribeirinho da Amazônia desde tempos remotos. É uma prática sociocultural de subsistência e renda dos sujeitos que ocupam esses espaços.

A pesca é uma das primeiras formas de atividade humana na Terra. A necessidade de sobrevivência possibilitou que nossos antepassados criassem meios que levassem à confecção de instrumentos necessários à captura de peixes para serem consumidos na alimentação (MORAES, 2004). Furtado (1993, p. 31) afirma que "escrever sobre pesca na Amazônia foi (...) de levantar questões e a de resgatar conhecimentos sobre uma atividade secular de populações que vivem à beira do litoral, dos rios, lagos, igarapés e paranás amazônicos sobre cujos recursos pairam".

Na Amazônia a pesca é praticada de diversas formas e por diferentes tipos de instrumento pesqueiro. Neste sentido, "encontramos inúmeros registros acerca da atividade pesqueira abordando variados aspectos" (MORAES, 2005, p. 34). Não se trata, no caso, de pescadores ribeirinhos de pesca predatória, mas sim de uso sustentável dos recursos naturais.

Sobre a sustentabilidade dos recursos naturais destacam Moraes e Reis (2011, p. 117):

> desse modo a concepção dos pescadores acerca do cuidar ambiental é permeada de saberes não-científicos, muitos dizem "não entender de educação ambiental", haja vista que esse termo não faz parte do cotidiano, mas demonstram na prática cuidados com o ecossistema em suas atitudes e práticas cotidianas.

A pesca, no contexto do espaço rural-ribeirinho, representa muito mais que mero meio de subsistência, apresenta-se como partilha tanto de conhecimentos transmitidos quanto do produto pescado/capturado pelos envolvidos com a atividade.

Geralmente, em comunidades ribeirinhas, a partilha do que foi capturado com a prática de pesca se dá entre os membros das famílias. Inclusive os que não participam da pescaria acabam recebendo parte da captura. Isso porque a atividade, na maioria das vezes, é praticada por pai, filhos, netos, etc. que residem em um mesmo lote de terra, com casas próximas umas das outras. Isso possibilita o laço de união e generosidade, aspectos esses que fazem parte do cotidiano do ribeirinho amazônico. Considerando que nesses territórios pode-se verificar que, "alguns desses agrupamentos, moram diversos membros de uma mesma família, por exemplo, três casas

separadas por apenas uns cem metros, que abrigam um casal de referência e seus filhos/netos" (NETO; FURTADO, 2015, p. 159).

No contexto amazônico ribeirinho são praticados três tipos de pesca: de subsistência, artesanal e industrial. Cada uma com suas caraterísticas de apropriação de técnicas e de uso diferenciada da natureza. A esse respeito destaca-se:

> Desenvolvida, basicamente, através da **pesca de subsistência** (exercida com objetivo alimentos, utilizando-se de práticas rudimentares e sem finalidade comercial); da **pesca artesanal** (relações de trabalho baseadas na parceria e nos conhecimentos empíricos com produtos direcionados, em sua maioria, ao consumo local) e da **pesca industrial** (desenvolvida por profissionais colonizados e com maior pode aquisitivo e melhores indicadores sociais) (MORAES; REIS, 2011, p. 109) (grifo do original).

Na assertiva acima, Moraes e Reis (2011) apresentam três formas de pescaria encontradas por eles no contexto da Amazônia. Todas com finalidades específicas. No caso desta pesquisa, o foco gira em torno da pesca artesanal, que é uma prática usada por muito tempo por ribeirinhos do assentamento São João Batista, Ilha Campompema, no município de Abaetetuba, Pará.

DE ONDE SE FALA...

Abaetetuba (Figura 1), no Pará, é um município marcado historicamente por apresentar característica predominantemente de região agrária[2]. O município é conhecido pelos moradores locais com as seguintes divisões: sede (cidade), estradas e ramais e ilhas (zona rural). A sede corresponde a uma porção mínima do território, a zona rural (estradas e ramais) e as ilhas compõem a maior parte do território local.

Em termos populacionais o município agrega um montante de 141.100 habitantes, distribuídos no espaço urbano: 82.998 e rural: 58.102, contribuindo para que este ocupe a sétima posição da cidade mais populosa do estado do Pará. Deste total de habitantes 71.630 são do gênero masculino; e 69.470, do gênero feminino, formando assim a população municipal local, de acordo com os dados oficiais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Quanto ao nível de escolarização da população, os dados do IBGE demonstram que para pessoas de 6 a 14 anos a taxa de escolaridade foi de 97,7% em 2010. Enquanto que para a população de 25 anos ou mais, os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano (2010) salientam que 18,58% dos moradores eram analfabetos, 37,24% tinham o ensino fundamental completo, 25,33 % possuíam o ensino médio completo e apenas 4,53% da população tem formação em nível superior completo.

[2] O município de Abaetetuba possui um território que em sua maioria é área rural, representada por matas, florestas, rios, furos e igarapés, tornando-se assim uma cidade com característica agrária.

Tratando-se especificamente da educação em nível municipal local, os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba (Semec) demonstram que em 2017 foram matriculados 22.858 estudantes, distribuídos de acordo com o quadro abaixo:

Tabela 1. Dados de alunos matriculados na educação infantil, ensino fundamental menor e educação de jovens e adultos (EJA) de acordo com o Censo 2017.

	EDUCAÇÃO INFANTIL						**ENSINO FUNDAMENTAL**						**EJA**		
	BERÇÁRIO	MATERNAL I	MATERNAL II	PERÍODO I	PERÍODO II	TOTAL	1° ANO	2° ANO	3° ANO	4° ANO	5° ANO	TOTAL	1ª ETAPA	2ª ETAPA	TOTAL
SEDE/ CIDADE	211	356	960	1267	1253	**4047**	1190	1279	1614	1473	1452	**7008**	407	360	**767**
ILHAS	0	0	227	767	693	**1687**	887	687	1201	956	920	**4651**	272	25	**297**
ESTRADAS E RAMAIS	0	33	390	446	427	**1296**	465	475	665	572	555	**2732**	241	132	**373**
TOTAL	211	389	1577	2480	2373	**7030**	2542	2441	3480	3001	2927	**14391**	920	517	**1437**
	2177			4853		**7030**	2542	2441	3480	3001	2927	**14391**	920	517	**1437**
	22858														

Fonte: Semec, Abaetetuba, 2017.

Para agregar esse quantitativo de educandos existem 5 creches, 6 escolas que atendem somente o público-alvo da educação infantil, 21 escolas unicamente de ensino fundamental e 140 escolas que ofertam ao mesmo tempo a educação infantil e ensino fundamental, totalizando 172 escolas municipais. É importante frisar que apenas educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental estão sob a dependência administrativa municipal. Ensino fundamental e médio é administrado pela Secretaria Estadual de Educação do Pará (Seduc).

A oferta de educação infantil e ensino fundamental menor sob a responsabilidade do município está prescrita pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-9394/96) e Constituição Federal de 1988, que definem

> § 2º - Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil (BRASIL, 1998).
> V - Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência [...] (BRASIL, 1996)

Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB - Per Capita), Abaetetuba apresenta um valor de R$ 7.960,05 (IBGE, 2010), cuja arrecadação gira em torno de cobranças de impostos no comércio local e de produtos da agricultura familiar, sendo estas a única forma de arrecadação de renda no

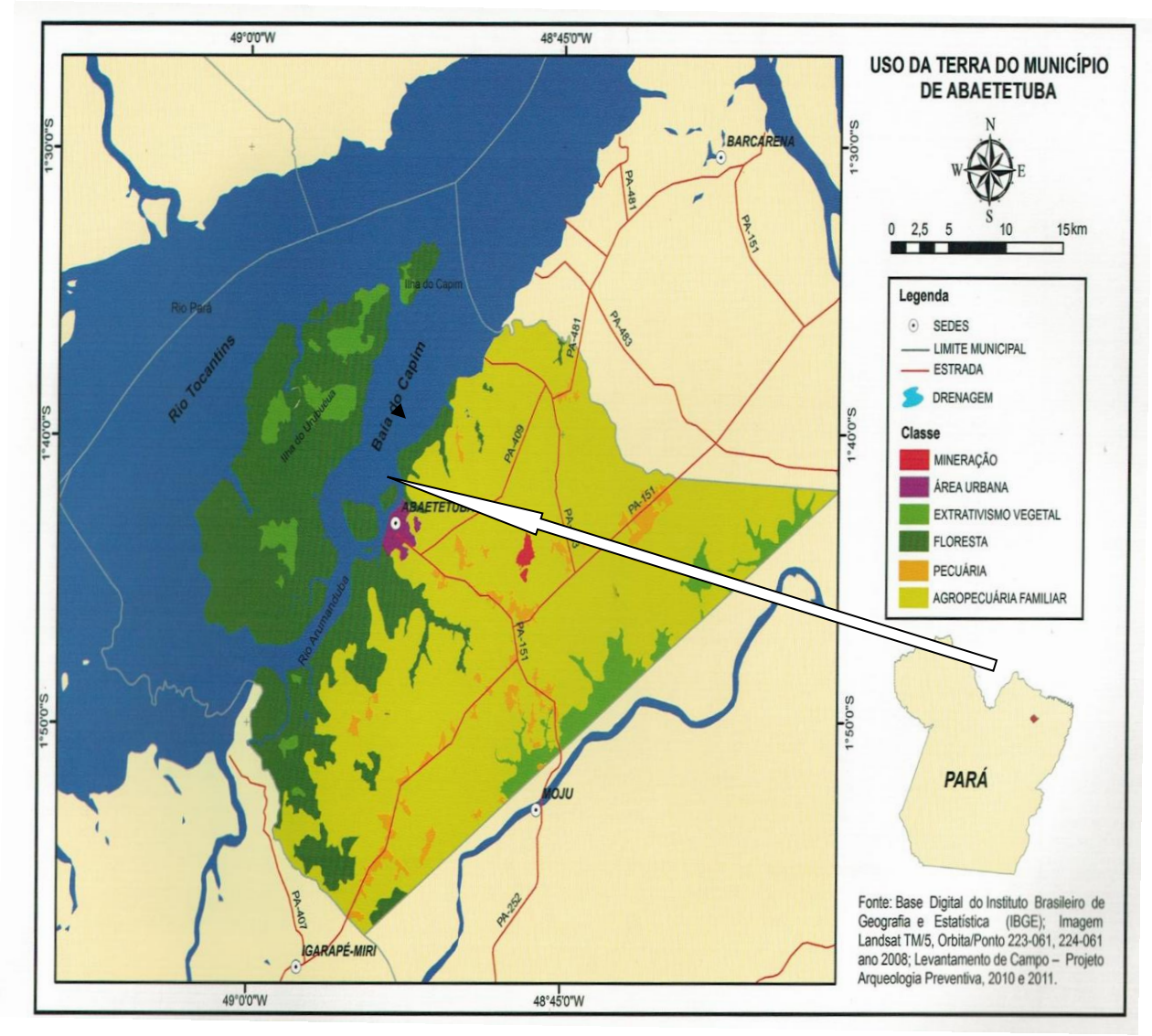
município, considerando que "a principal fonte de trabalho e renda é o comércio, além da agricultura, da pecuária e do extrativismo, notadamente de madeira, fibras, palmito e frutos de açaí e miriti" (IBGE, 2007 Apud SILVA et al., 2015).

A agricultura familiar contribui satisfatoriamente para a renda do município, uma vez que a base da economia se concentra no extrativismo de produtos naturais, tais como: açaí, miriti, mandioca, pesca, entre outros.

Atualmente a prefeitura municipal de Abaetetuba está comprando produtos da agricultura familiar local para fins de complementação de merenda escolar, na medida em que a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que 30% dos recursos financeiros repassados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) aos municípios e estados sejam para adquirir gêneros alimentícios da agricultura familiar.

Assim, percebe-se uma aproximação do poder público municipal com os sistemas agroalimentares, de modo que os produtos oriundos da agricultura familiar são fornecidos pelos agricultores à administração municipal, contribuindo dessa forma para maior circulação de produtos alimentícios de origem natural no município, sobretudo no espaço escolar.

Figura 1. Mapa de localização do município de Abaetetuba, Pará.

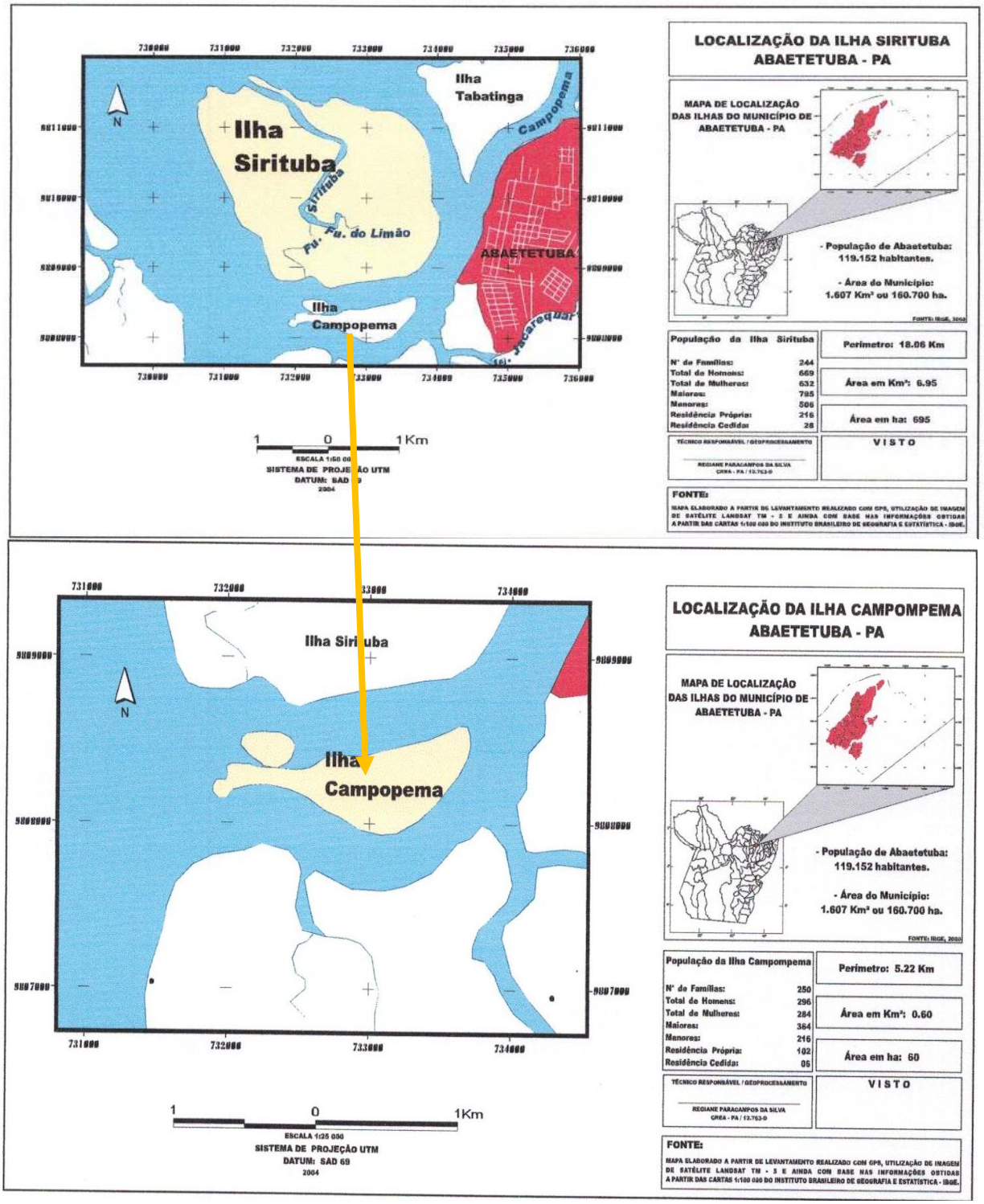


Fonte: Patrimônio do Nosso Meio Programa de Arqueologia Preventiva da Companhia de Alumina do Pará, 2012.
Adaptação do autor: seta indicativa da localização da cidade de Abaetetuba no mapa do estado do Pará.

Como mostra o mapa, Abaetetuba limita-se geograficamente com os seguintes municípios da região nordeste do estado do Pará: "ao Norte com o Município de Barcarena e o rio Pará; ao Sul com o município de Igarapé-Miri; a Leste com o município de Mojú e a Oeste com o município de Limoeiro do Ajuru e com a Baía de Marapatá" (MACHADO, 1986, p. 60).

No mapa também é apresentado o território de ilhas e território de zona rural (estradas e ramais) que fazem parte do espaço local. Ao todo "o território do município de Abaetetuba (PA) é composto por 72 ilhas, 35 colônias de terra firme e 14 bairros urbanos" (FERRANTI, 2013, p. 15).

Figuras 2 e 3. Mapas de localização de algumas ilhas de Abaetetuba.



Fonte: Adaptação do autor: seta indicativa da localização da Ilha Campompema.

É nesse mosaico de ilhas que estão assentados os ribeirinhos, os quilombolas, os extrativistas, os pescadores, etc. Como muito bem destacam Barros e Silva (2013, p. 47):

> o município de Abaetetuba...está situado na região do Baixo Tocantins, distante cerca de 60 km de Belém, capital do estado, contando com um conjunto de 72 ilhas, algumas delas avistadas do cais da cidade. Estas ilhas são habitadas por comunidades ribeirinhas e quilombolas que mantêm ligação com a cidade em maior ou menor intensidade consoante a distância em que se situam em relação ao centro urbano. Cada ilha possui um nome, um padroeiro, uma memória, uma igreja católica e/ou evangélica; às vezes, uma escola.

Ao apresentar dados de pesquisa sobre alguns aspectos de Abaetetuba, Barros e Silva (2013), no artigo intitulado Os mingauleiros de Miriti: Trabalho, Sociabilidade e Consumo na Beira de Abaetetuba, Pará, fazem uma incursão sobre a localização do território e situam a relação das 72 ilhas com a zona do espaço urbano.

É na zona ribeirinha que são praticadas inúmeras atividades produtivas. Pode-se mencionar, por exemplo, a pesca artesanal, com uso de caniço, redes, espinhel, com linha, com matapi. Esta última atividade é na qual este trabalho se detém durante toda a discussão.

Como se sabe, as ilhas são o espaço onde está concentrada a água do território pesquisado. E essa água é o local propício e necessário para a prática social da pesca artesanal, sobretudo, neste estudo, da pesca com o uso do instrumento matapi.

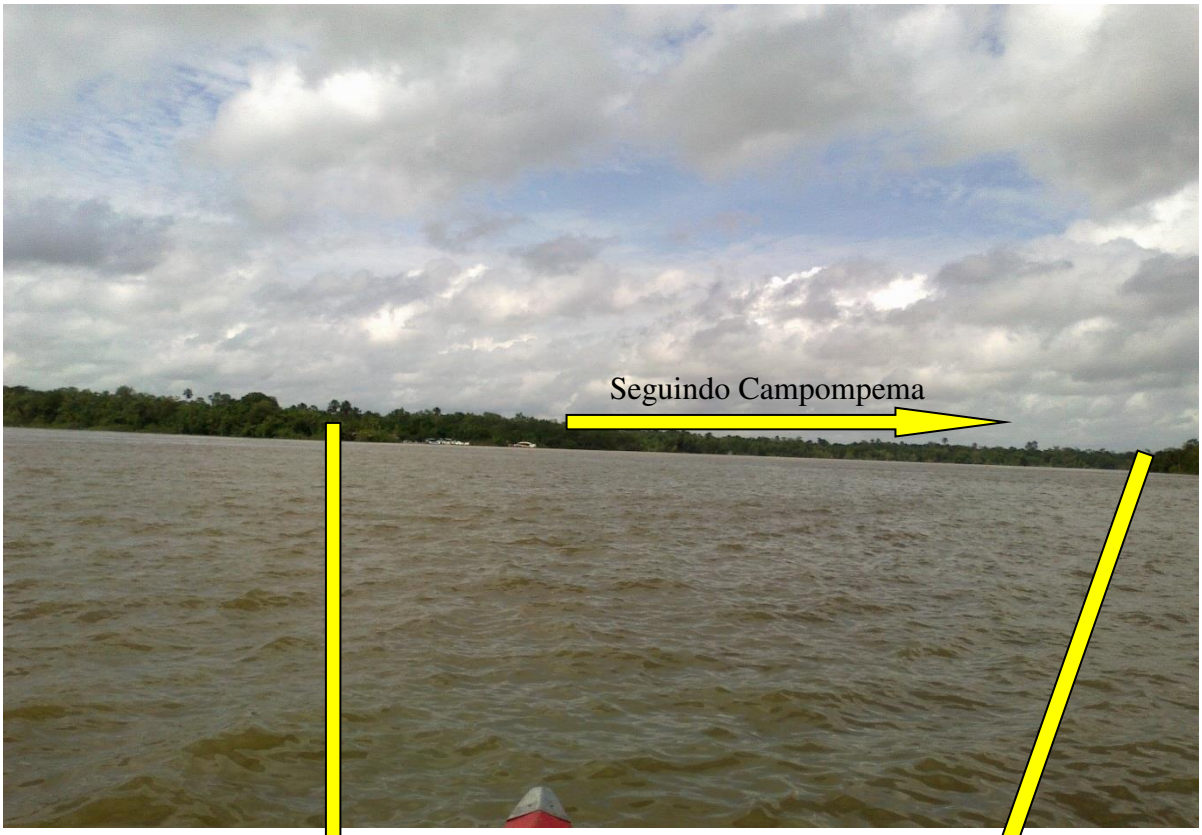
O *lócus* a que esta pesquisa se destina trata-se do assentamento São João Batista, Ilha Campompema. De acordo com Pereira (2014, p. 147):

> Tal assentamento, segundo o presidente da Associação Agroextrativista São João, contempla atualmente um número, aproximadamente, de 223 famílias ribeirinhas, que são beneficiadas com projetos do governo federal. Não somente isso, pois desenvolvem no cotidiano diferentes formas de trabalho que lhes servem como meio de subsistência, assim como meio de abastecer o comercio da cidade local.

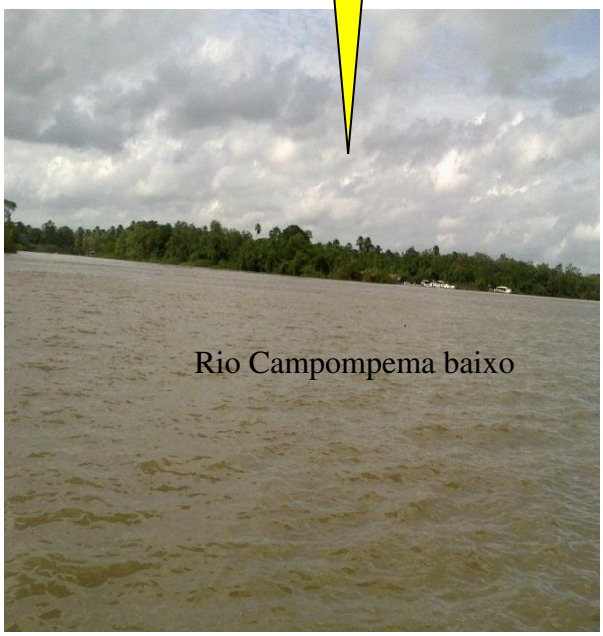
Pereira (2014) nos mostra que, no assentamento pesquisado por ele, foram observadas diversas formas de trabalho desenvolvido pelos moradores locais. Entre as inúmeras atividades produtivas encontradas no assentamento, este trabalho focou na pesquisa da pesca artesanal com uso do apetrecho matapi por ribeirinhos do espaço local.

No assentamento, a porção do território situada abaixo da igreja católica e próxima da sede do município de Abaetetuba é denominada pelos moradores ribeirinhos de: Campompema Baixo. A porção situada acima da comunidade católica e que faz divisão com a ilha de Rio Acaraqui é tida como: Campompema Cima; e a porção de terras situada à frente da igreja, ou seja, do outro lado do rio, é conhecida como: Campompema Meio. Neste sentido, a ilha Campompema é dividida em: Campompema Baixo, Cima e Meio. O ponto de referência dessa divisão é, segundo Pereira (2016, p. 91), "a Igreja do Santo Padroeiro da Comunidade (São João Batista)"

Figuras 4, 5 e 6. Localização do Assentamento São João Batista, Abaetetuba, Pará.



Fonte: Figura 4 Rio Campompema baixo, Rosenildo Pereira, Pesquisa de Campo, abril, 2018.



Fonte:Figura 5 Rio Campompema baixo, Rosenildo Pereira, Pesquisa de Campo, abril, 2018.



Fonte:Figura 6 Rio Campompema meio, Rosenildo Pereira, Pesquisa de Campo, abril, 2018.

O território do assentamento é em sua maioria área de várzea, com um único espaço de terra firme, equivalente a 5% do território, local onde fica situado o campo de futebol usado para

a prática de esporte na comunidade.

A área de estudo se distancia a poucos minutos da sede do município. Considerando que a ilha de "Campompema, no município de Abaetetuba, a vinte minutos da "beira" (porto) da cidade" (ELIAS; OLIVEIRA; FERNANDES, 2011, p. 15).

A proximidade do assentamento com o território da sede do município, ao longo dos anos, tem influenciado mudanças em algumas práticas culturais tradicionalmente existentes na comunidade, como é o caso da pesca de espinhel, rede, matapi, etc., como relatado por um ribeirinho de 85 anos residente no assentamento pesquisado, em entrevista cedida a Pereira (2016, p. 93-94):

> Peixe tinha muito, peixe tinha muito, porque no tempo que, que eu coisa, que eu pescava por aí tornedeixe (...) Olha eu saía pra pescar, ai eu pegava apuntava 4, 5 tala pronta apuntada, tornedeixe, pra enfiar o peixe. Saía botava o matapi pelo mato e pegava a isca e saía pra baeté pescando assim todos esses pontos por aí, pescava por aqui e daqui baixava pras pedras ia até chegar à cidade que era o último ponto. Mas era 4, 5, 6, enfiadas de peixe que eu pegava, tinha demais peixe, tinha demais, muito peixe, pegava muito peixe, pegava pescada, sarda, tudo pescava isso ai, ai nas pedras, tinha muito peixe. Agora falhou um bucado. Camarão a gente butava o matapi, o matapi era sentado, de manhã a gente ia ver estava cheio de camarão (BVC – Morador do Assentamento, Entrevista, 2015)[1].

O meio ambiente, principalmente a água do Rio Campompema[2], que é um espaço de vida e local de trabalho e subsistência dos ribeirinhos, vem sendo objeto de poluição pelos moradores do espaço urbano. Eles jogam dejetos de diferentes atividades exercidas na feira da cidade, como: pena de galinha, sacola plástica, papelão, restos de alimentos, peixes em estado de decomposição, entre outros, e acabam interferindo na cotidianidade dos ribeirinhos, que têm nos rios uma de suas fontes de sobrevivência.

Uma das características que os ribeirinhos possuem com relação ao meio ambiente do qual fazem parte é sua relação direta com a natureza, sua interdependência com o rio e com o território da floresta, onde exercem inúmeras de suas práticas socioculturais. Como muito bem diz Cruz (2008, p. 49), "a vida se tece pelas relações estabelecidas com e através do rio".

É no rio que esses sujeitos sociais fazem uso de uma forma de prática social entre tantas existentes no local, a pesca com matapi, uma prática que exige o conhecimento das águas, uma vez que em determinados períodos da semana, do mês e do ano a prática é completamente

[1] Entrevista cedida a Rosenildo da Costa Pereira por ocasião de pesquisa de mestrado em educação defendida em 24 de fevereiro de 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (Uepa).

[2] O Rio Campompema limita-se com o Rio Acaraqui pelo lado esquerdo e com o Rio Abaeté pelo lado direito. Tem aproximadamente 5 km de extensão.

modificada em virtude das marés (águas), sobretudo no período de inverno, que interfere em algumas atividades dos ribeirinhos, principalmente no que se refere à pesca com o uso do matapi. Considerando que "esses comportamentos de enchente e vazante, sejam na maré *morta*, sejam na maré de *lanço*, não impossibilitam os pescadores de realizar a sua atividade regularmente durante o ano" (NETO; FURTADO, 2015, p. 176).

Por conta das circunstâncias impostas pela natureza, os ilhéus precisam se adaptar a todas as mudanças climáticas oriundas das estações do ano. E essa adaptação a que os ribeirinhos são submetidos os torna cada vez mais habituados a todas as mudanças impostas pela natureza, uma vez que "no processo de adaptação à natureza o homem foi levado a deduzir métodos de sobrevivência e remodelar todo o espaço no qual estava inserido coletivamente" (MORAES; REIS, 2011, p. 104).

O contato que tem com a natureza os capacita a agir sobre ela. Sua experiência quanto ao uso dos recursos naturais os torna sujeitos com conhecimento aprofundado do território das águas, da terra e da mata. Considerando que: "tais populações detêm um vastíssimo conhecimento sobre a natureza local, sobretudo no que se refere aos diferentes usos dos recursos naturais" (BARROS, 2009, p. 157).

E é sobre esse conhecimento vastíssimo de que fala Barros (2009) que este trabalho se propõe a aprofundar no conhecimento em torno da pescaria com matapi no contexto territorial-ribeirinho do assentamento São João Batista, na Ilha Campompema, em Abaetetuba, estado do Pará. Moraes (2005) detalha o que é matapi, a matéria-prima de que é feito e para que é usado pelos ribeirinhos da Amazônia:

> A pesca com matapi na Amazônia destina-se à captura de camarões. Trata-se de uma armadilha em forma de cilindro que se assemelha com o covo do Nordeste, pois é fechada por dois cones, sendo que cada lado contém uma abertura em forma de funil para que o camarão entre e não consiga sair. A matéria-prima para sua construção são talas de jupati (Raphia taedigera), uma palmeira da floresta amazônica (MORAES, 2005, p. 64-65).

Desta forma, a pesca com o uso do apetrecho matapi no contexto da Amazônia brasileira visa à captura de camarão. Essa armadilha de pesca, conforme destacado por Moraes (2005), é um instrumento pesqueiro utilizado por ribeirinhos amazônidas na prática da pesca artesanal rotineira.

O SABER-FAZER DA PESCA COM MATAPI NO ASSENTAMENTO SÃO JOÃO BATISTA

A pesca com o uso de matapi no território local segue, pelo menos, quatro procedimentos diferenciados para o processo de captura do camarão. São elas: preparação do matapi (fazer a

puqueca[3] e iscar); o ato de atear ou armar (colocar) o matapi às margens dos rios ou dentro da mata; e o ato de retirada do apetrecho pelos ilhéus no dia seguinte, uma vez que ele é colocado no final da tarde de um dia e retirado no amanhecer do outro. Sobre esse processo afirma J. P. S., um dos entrevistados: "primeiro eu faço a puqueca, depois isco o matapi, depois coloco na canoa pra colocar na beira... ou dentro da mata que não precisa de canoa" (Entrevista, J. P. S, abril de 2018).

Ao adquirir o matapi na feira (comércio) ou no próprio assentamento, local onde esse apetrecho é produzido também por muitas famílias, os ribeirinhos introduzem nele uma "boia[4]" pequena, adereço de isopor ou pedaço do "braço" de miriti sobre a superfície do cilindro próxima da abertura de retirada do camarão denominada pelos ilhéus de "boca".

Esse instrumento adicionado ao matapi tem a função de torná-lo flutuante, evitando que ele vá ao fundo. Além desse, é também adicionada uma corda de polietileno na ponta do cilindro, local onde é preso o funil e na mesma direção das talas onde foi amarrada a "boia". O propósito da corda é justamente possibilitar que o apetrecho fique preso ao local onde será armado.

Figura 7. Matapi exposto à água para mostrar indicação da boia e da corda.



Fonte: Rosenildo Pereira, pesquisa de campo, abril, 2018.

[3] A puqueca trata-se de uma isca usada para atrair o camarão para dentro do matapi. Considera-se também que "a isca pronta é denominada de 'puqueca' pelos pescadores locais" (ARAUJO et al., 2014, p. 105).
[4] "Objeto flutuante us. para impedir que algo ou alguém afunde na água" (BECHARA, 2011, p. 345). No caso do mapati, a boia é um adereço introduzido na parte externa da ferramenta para evitar que ele afunde.

Esses dois instrumentos (“boia” e corda) adicionados ao matapi permanecem fixos nele o tempo todo, até que a armadilha seja destruída pelo constante uso no espaço das águas, o que tem ação direta no envelhecimento e decomposição da matéria-prima da qual ele é feito, neste caso, a tala do jupati *(Raphi ataedigera)*.

Em se tratando de iscar o matapi, é o primeiro procedimento adotado pelos moradores ribeirinhos no processo de captura do camarão, realizado todas às vezes que forem praticar a pesca de marisco do crustáceo. Realiza-se nesta etapa a preparação da isca, o ingrediente é farelo enrolado por sacolas plásticas ou folhas de “aninga” de várzea (Montrichardia linifera) da região e amarrada com “envira” (fibra natural oriunda do grelo do miritizeiro-espécie de palmeira-da-amazônia), ficando parecido com uma pequena bola que posteriormente se farásobre ela várias perfurações para atrair o camarão.

Figura 8. Puqueca de sacola.



Fonte: Rosenildo Pereira, Pesquisa de Campo, abril, 2018

Figura 9. Puqueca de aninga.



Fonte: Rosenildo Pereira, Pesquisa de Campo, abril, 2018.

Pronta a isca, ela é introduzida dentro do matapi. Essa introdução é feita por meio da abertura (“boca”) que dá acesso ao interior do apetrecho. A puqueca (isca), como é conhecida pelos ribeirinhos do assentamento, é presa sobre a boia do matapi, evitando que os peixes como o bacu (peixe de água doce da família dos Doradídeos) retirem com seu ferrão o ingrediente da isca. Essa isca é utilizada na pesca de matapi:

> para atrair os camarões até as armadilhas os pescadores locais utilizam o farelo...como principal ingrediente empregado na preparação das iscas. Os ingredientes são envolvidos em sacos plásticos, folhas. Posteriormente, o material embrulhado é amarrado com tiras

> de "envira" ou fitilho plástico de polipropileno. A isca pronta é denominada de "puqueca", pelos pescadores locais. A "puqueca" recebe alguns furos para que o odor do farelo de babaçu atraia o camarão até o apetrecho (ARAÚJO et al., 2014, p. 105).

A iscação[5] do matapi acontece na própria residência dos ribeirinhos. Geralmente o farelo e a "envira" estão armazenados no compartimento (parte) da cozinha da casa, e, quando utilizado para fabricar a isca, pequenas tiras da "envira" são retiradas com a ajuda de faca e levada juntamente com a sacola ou recipiente que guardam o farelo para a parte externa da moradia onde começa a fabricação da puqueca e posteriormente adicionada dentro do matapi. Considerando que no assentamento "os matapis são iscados nos domicílios, posteriormente, no final da tarde, são empilhados na pequena embarcação e levados até o local de pesca, que no geral fica próximo a residência, onde são armados" (ARAÚJO et al., 2014, p. 107).

No assentamento pesquisado percebeu-se que os ribeirinhos chegaram a fazer uso de puqueca confeccionada a partir de recipientes plásticos (Figura 8). A introdução dessa forma de isca no assentamento, com o uso constante e por meio da observação e experiência, o ribeirinho detectou que não era o instrumento ideal para atrair o camarão para dentro da armadilha. A cada dia pescado foi se percebendo que se capturava pouco camarão nas pescarias. Ao fazerem uso novamente da antiga isca, observaram o aumento na quantidade de crustáceos. Com essa forma de percepção e experimento dos ribeirinhos com o ambiente, entende-se que "os saberes que os pescadores utilizam para modificar, comparar, diluir e reatualizar seus conhecimentos a fim de obter êxito nas pescarias" (MORAES, 2011, p. 90).

Figura 10. Puqueca testada e não aprovada para a captura do camarão.



Fonte: Rosenildo Pereira, pesquisa de campo, abril, 2018.

[5] É o processo de introduzir a puqueca dentro do matapi.

Os ribeirinhos locais fazem uso da pesca de matapi no assentamento de duas formas: às margens do rio, quando a água é do tipo morta (baixa) e quando a água é do tipo lançante fazem o uso da pesca de matapi dentro da mata.

No período em que a maré é baixa, a pesca praticada é a da "beira" da floresta. Neste tipo de água é possível também fazer uso da pesca com matapi no igarapé. É mais uma possibilidade pesqueira também. Nesta perspectiva, é importante frisar que a pescaria de camarão

> variam com as estações do ano (inverno e verão) e com as marés de sizígia e quadratura, localmente conhecidas como "maré de lance ou lançante" e "maré de quebra", respectivamente. No período de chuvas intensas (inverno) as capturas de camarão-da-amazônia são comprometidas na margem dos rios e favorecidas nos igarapés. Já no período menos chuvoso (verão) as pescarias mais produtivas ocorrem nos rios e praias (ARAÚJO et al., 2014, p. 106).

A quantidade de camarão pescado no igarapé e na mata é quase sempre superior ao pescado na "beira" da floresta. Porém, o crustáceo capturado na floresta ciliar é bem maior em tamanho quando comparado ao capturado dentro da mata. Como destaca um ribeirinho pescador do assentamento "o qual pega mais camarão é o da mata. Pega mais camarão do que o da beira da floresta. O maior é o pescado é o camarão da beira da floresta" (Entrevista, J. P. S, abril 2018).

Outro detalhe importante é que o trabalho com o matapi armado no igarapé e na mata é bem maior que o uso dele na "beira" da floresta. Na mata o ribeirinho precisa se deslocar com o apetrecho até aos pontos de pesca; faz várias viagens entre a casa onde fica o instrumento de pesca e seus respectivos pontos. Isso dependendo da quantidade de armadilha que será colocado. Podem ser realizadas até quatro viagens entre casa e pontos de pesca. Aqui, nesta forma de pesca, não se faz uso de canoas, cascos, rabudos, uma vez que a retirada do matapi é no amanhecer do dia. Por volta das 6 horas da manhã, por conta da claridade do dia, e como se trata de período de maré lançante (alta), nesse horário a água já está bastante seca de vazante, não permitindo uso de nenhuma embarcação para transporte. A respeito das formas de uso do apetrecho no assentamento, destaca-se que "o matapi que dar mais trabalho é o de dentro da mata tem que vim pegar várias vezes na casa e levar pro local onde vai ser colocado" (Entrevista, J. P. S, abril, 2018).

O mapati, ao ser levado para ser armado nos pontos de pesca, é preso à vara (bastão), caule do açaizeiro (árvore de açaí que foi cortada e retirada o caule e introduzida no barro à margem da floresta) ou galhos de árvores. Nos dois primeiros casos usa-se um enlaço a sua volta, no último, é preso com a ponta da corda (ele é amarrado por um nó), os quais tanto uma forma de amarração como a outra permitem que ele mude de posição de acordo com a correnteza da maré (água)

tornando-se uma armadilha que procura e atrai o camarão para seu interior.

Ao fazer a retirada dos apetrechos no dia seguinte após sua armação, os matapis são levados à residência dos ribeirinhos. É lá que "os apetrechos são despescados ao amanhecer, por volta das 5 ou 6 horas e trazidos até a residência, onde são "batidos" (despescados)" (ARAÚJO et al., 2014, p. 107).

Figura 11. Ribeirinha fazendo a despescagem do matapi no assentamento.



Fonte: Rosenildo Pereira, pesquisa de campo, abril, 2018.

A despescagem é o movimento do matapi para os dois lados, possibilitando que os camarões se desprendam da armadilha e caiam dentro da rasa[6]. Assim fecha-se o ciclo do processo de captura do camarão a partir do uso do apetrecho matapi no território do assentamento pesquisado.

Diante das considerações apresentadas, percebe-se que a pesca artesanal na Amazônia tem sido de fundamental relevância para a perpetuação do saber local e da tradição dos povos ribeirinhos que fazem dela uma atividade cotidiana necessária à produção de alimentos, primordial tanto para o consumo interno dos próprios pescadores como para comercialização, que neste caso a maioria é vendida no comércio da cidade de Abaetetuba. Assim, percebe-se que "a pesca mostrou-se ser uma atividade importante, realizada o ano todo pelos comunitários, tanto para alimentação quanto para o comércio" (SILVA; BRAGA, 2016, p. 61).

[6] "Antiga medida de capacidade, equivalente, mais ou menos, ao alqueire" (FERREIRA, 2001, p. 581).

Os peixes vendidos na feira de Abaetetuba suprem a necessidade de parte da população urbana que acaba se alimentando de produtos de origem natural, assim como servem de renda para os pescadores, uma vez que estes compram outros produtos alimentícios que a floresta não lhe oferece, como: café, açúcar, feijão, sabão, etc.

Neste sentido, a relação do espaço urbano com o rural no contexto local é de interdependência, uma vez que o espaço rural não vive sem o urbano nem o urbano sobreviveria sem o espaço rural, ambos se complementam.

Em relação aos saberes da pesca com o uso do apetrecho matapi, os pescadores locais têm total domínio sobre a natureza, sabendo "identificar as melhores horas de capturá-los; saber sobre a influência dos ventos e da chuva nas pescarias; os espaços que podem ou não pescar; a influência da lua no regime das águas pluviais e fluviais" (FURTADO, 1993, p. 200).

A transmissão dos saberes entre crianças e adultos na pesca de mapati, no assentamento São João Batista, é repassada de geração a geração pelo processo em que as crianças acompanham sempre os adultos nas pescarias, considerando assim o aprender pelo ver/presenciar. Como muito bem menciona Furtado (1993, p. 2000), "o registro é mental e se transmite pela tradição oral de pai para filho, de geração à geração. Neste particular, as faixas etárias mais velhas exercem um papel relevante nessa transmissão de conhecimento".

Neste sentido, o saber local, sobretudo da pesca artesanal no território do assentamento pesquisado, sobrevive até hoje por conta dessa transmissão de saberes que ocorre no processo das pescarias, possibilitando à população tanto de ribeirinhos pescadores quanto de moradores da zona urbana se beneficiarem com os produtos alimentícios de origem natural capturado por meio da pesca artesanal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia abriga imenso território de verdes florestas e abundância de águas, onde pode ser observada uma diversidade muito grande de recursos naturais, os quais são apropriados de diferentes formas pelos sujeitos que habitam essa região. Uma dessas formas é a prática de pesca nos rios, furos e igarapés.

A prática da pesca no Brasil e na Amazônia tem sido desenvolvida desde a época dos povos tradicionais. Uma vez que, segundo Moraes (2005, p. 31, "no Brasil, a pesca já era desenvolvida pelos primeiros habitantes, as populações indígenas que dominavam algumas técnicas para capturar peixes".

Neste estudo, a pesca pesquisada é a que se faz uso do matapi, responsável pela captura do camarão. A pesquisa deteve-se em analisar a pescaria no contexto do assentamento São João

Batista, no município de Abaetetuba, estado do Pará, possibilitando a sistematização e produção deste artigo, que fez uma incursão sobre a prática da pescaria com o uso do apetrecho matapi por ribeirinhos do espaço territorial local.

O contato com os moradores ribeirinhos por meio da pesquisa proporcionou o mapeamento da atividade do trabalho em torno da pesca com foco no uso do matapi, pautando-se na vivência e experiência de quem o pratica. Percebeu-se com o estudo que os ribeirinhos usam diferentes estratégias para efetuar a armação do matapi no espaço das águas, sejam elas de lanço (maré alta) ou maré baixa/morta (quando a água não fica submersa a terra).

O trabalho registrou todo o processo de pesca com o uso do instrumento matapi, incluindo o fazer a puqueca, a iscação, o armar e o despescar esse importante instrumento de pesca dos ribeirinhos do assentamento São João Batista, no território da cidade de Abaetetuba, estado do Pará.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. V. L. F *et al.* Pesca e procedimentos de captura do camarão-da-Amazônia a jusante de uma Usina Hidrelétrica na Amazônia Brasileira. **Biota Amazônia**, Macapá, v. 4, n. 2, p. 102-112, 2014.

BARROS, Flávio Bezerra. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, p.152-161; mai-ago, 2009.

_____, F. B; SILVA, D. Os Mingauleiros de miriti: trabalho, sociabilidade e consumo na beira de Abaetetuba, Pará. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 4, art. 3, p. 44-66, Out./Dez. 2013.

BRASIL, Constituição Federal de 1998.

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-9394\96**, Brasília (DF), 1996.

_____, **Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba (SEMEC).** Relatório de dados, 2017.

_____, **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009.**

_____, **Atlas do Brasil.** Disponível em: www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/abaetetuba_pa#educacao. Acesso em: 16/08/2018.

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.** Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira, 2011.

COELHO, A *et al*. **Patrimônio do Nosso Meio:** Programa de Arqueologia Preventiva da Companhia de Alumina do Pará, 2012.

CRUZ, V. C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na amazônica. In: TRINDADE JÚNIOR, S. C; TAVARES. M. G. C. (Orgs.) **Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências.** Belém: EDUFPA, 2008, p. 49-69.

ELIAS, L. G. D *et al.* Memórias de Professoras Ribeirinhas. In: OLIVEIRA, M. R. D *et al.* (Orgs.) **Memória e Docência:** experiências formativas em Abaetetuba, Literacidade, 2011, p. 13-25.

FERRANTI, Adelino. **A política educacional no município de Abaetetuba (PA) no período de 2005 a 2008: realidade e limites.** (Dissertação de Mestrado em Educação), PPGED-UFPA, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar.** O minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas:** um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1993.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Editora Brasiliense. Tradução de Marie-Angnês Chauvel,

2003.

LÉVI-STRAUS, C. **Olhar Distanciado.** Tipografia Guerra, Viseu para Edições 70 em janeiro 1986.

MACHADO, Jorge. **Terras de Abaetetuba**. Belém: CEJUP, 1986.

MALINOWSKI, B**. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo, 436p. Abril Cultural, 1978**.**

MATAPI. In: Dicionário online de Português. Disponível em: https://www.dicio.com.br/matapi/. Acesso em: 19/08/2018.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação cientifica. In: MATTOS, C. L. G., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação:** conceitos e usos [online]. Campina Grande: EUEPB, 2011, p. 49-83.

MORAES, S. C. Água, vida e saberes na pesca. **Revista Margens**, v. 1, nº 2, 2004, p. 103-115.

MORAES, S. C. **Saberes da pesca:** Uma arqueologia da ciência da tradição. (Tese de Doutorado em Educação), PPGED-UFRN, 2005.

MORES, S. C; REIS, M. S. Pesca, educação e ambiente em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. In: Palheta, J. M; SILVA, C. N. (Orgs.) **A pesca e territorialidades:** contribuições para análise espacial da atividade pesqueira, 2011**,** p. 103-120.

MORAES, S. C. Conhecimentos tradicionais na pesca artesanal. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 2. Goiânia-GO, agosto/2011, p.88-105.

NETO, F. R; FURTADO, L. G. A ribeirinidade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de Campo.** São Paulo, nº 24, p. 158-182, 2015.

PEREIRA, R. C. **Saberes culturais e prática docente no contexto da escola ribeirinha.** (Dissertação de Mestrado em Educação), PPGED-UEPA, 2016.

PEREIRA, R. C. Sexo, casamento e família: o cotidiano da juventude do campo de Abaetetuba/Pa. **Revista Margens**. V. 8, nº 11, 2014, p. 145-155.

SAHLINS, M. O "Pessimismo Sentimental" e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (Parte I). **Mana**, v. 3, nº 1, 1997, pp. 41-73.

SILVA, J. T; BRAGA, T. M. P. Caracterização da Pesca na comunidade de Surucuá (Resex Tapajós Arapiuns). **Biota Amazônia**, Macapá, v. 6, n. 3, p. 55-62, 2016.

SILVA, L. R. P *et al.* Agricultura familiar amazônica: sistema de produção - ilha Compompema - Abaetetuba - Pará. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 253-262, abr./jun. 2015.